

REVISTA ON LINE DE POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL

v. 21, n.esp.3, dezembro de 2017.

EDITORIAL

Estamos publicando o terceiro número especial do volume 21 (2017) da Revista on line de Política e Gestão Educacional, a qual traz artigos que contemplam ‘Educação e Tecnologias’, organizado pelo Comitê Editorial e Científico da Associação Brasileira de Tecnologia Educacionais - ABT. Os artigos aqui apresentados passaram por todos os procedimentos padrão utilizados pela Revista on line de Política e Gestão Educacional e preencheram todos os requisitos qualitativos de seleção e edição. Assim, desejamos a todos uma boa leitura!

REFLEXÕES EDITORIAIS – PÓS-VERDADE

A questão (ou o grande problema) da pós-verdade é que está diante de nós e diariamente nos afronta e nos enfrenta. Desde a perplexidade de Platão diante da vitória sofista que condena Sócrates, o mundo retórico assimila não haver distinção entre verdade e opinião, pois o valor desta última, não está em sua veracidade efetiva, concreta ou factual, mas sim no fato de persuadir. Para que a persuasão tenha eficácia basta que a opinião, com essa finalidade, apareça ao outro como algo próximo daquilo que pensa, sente ou crê.

Quando estamos diante de uma opinião próxima de nossas crenças, sentimentos e emoções, o sentido que imediatamente se nos apresenta é o de que também somos assim e, com isso, nos tornamos mais afeitos por atitudes com as mesmas características, peculiaridades e qualidade semântica. Esse estado de coisa, nos conforta e nos convence muito mais que os fatos objetivamente comprováveis e presentes no contexto. Isto é assim e vem sendo estudado desde os gregos, com a retórica.

O termo “post-truth”, segundo a revista Carta Capital, considerando o que diz a Oxford Dictionaries (um departamento da universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários), foi empregado pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich, em um ensaio para a revista The Nation. Em 2004, o

escritor norte-americano Ralph Keyes colocou-o no título de seu livro *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*. Mas quem mais contribuiu para a sua popularização mundial foi a revista *The Economist*, desde quando publicou o artigo “Arte da mentira”. Na definição britânica apresentada, “pós-verdade” não seria então, exatamente, algo relativo à mentira, mas certamente a indiferença para com a verdade dos (e os) fatos. Eles podem ou não existir e ocorrer, da forma divulgada, que tanto faz para os indivíduos. Isso não afeta os seus julgamentos e preferências consolidados.

Assim, a discussão que atravessa milênios, se apresenta hoje com novos instrumentos de ação e contaminação dos indivíduos nos mais diferentes povos. De forma intensa e com a velocidade da era digital nos mostra que o objetivo e o racional se desqualificam significativamente diante do emocional, de identidades idiossincráticas ou mesmo da vontade de sustentar crenças, em que pese os fatos mostrarem o contrário.

A *The Economist*, sustenta que a “pós-verdade” se disseminou nas dimensões e intensidade atual a partir das redes de alta performance e suas configurações como redes sociais. “A fragmentação das fontes noticiosas criou um mundo atomizado, em que mentiras, rumores e fofocas se espalham com velocidade alarmante”, diz a revista. “Mentiras compartilhadas online, em redes cujos integrantes confiam mais uns nos outros do que em qualquer órgão tradicional de imprensa, rapidamente ganham aparência de verdade.”

Por considerarmos que essa questão (ou grande problema) encontra-se em evidência na sociedade atual e é favorecida pela agilidade das redes sociais com suas malhas de interconexões que, para nós, na Universidade, resta indagar: é possível agir socialmente como se a verdade não existisse ou fosse irrelevante? Estamos submetidos à dissonância cognitiva reguladora de nosso bem-estar individual, nos ajustando ao sentimento de desconforto de estarmos diante de crenças contraditórias em relação aos fatos? Mudamos (afrouxamos) nossas convicções ou negamos os fatos? Leon Festinger (1957), a partir dessa teoria, afirma podermos entender que o indivíduo se comporta de acordo com suas percepções e não de acordo com a realidade, ou seja, reage conforme àquilo que é confortável ou não com suas cognições. Nessa era da pós-verdade estamos, academicamente, ajustando as nossas narrativas porque gostamos ou necessitamos de certa informação que, por ora, é mais importante que a sua verdade.

Nesse contexto, é como se os fatos, ante a nossas teimosas argumentações, recuassem por serem sufocados e forçosamente neutralizados. Assim, contrariamente ao sentido de Universidade e sem um referencial normativo mínimo da ideia de verdade

essencial sustentada pelo fato em si, serão apresentados e terão foco valores, crenças, motivações mais ou menos conscientes, na tentativa de construir novas “realidades percebidas” e estas reivindicarão a condição de verdade. Algo se dissemina pelos ares na sociedade atual que, por esse caminho, a submeterá ao mais forte ou ao mais dissimulado; aos demagogos e aos tiranos.

Os Editores

Sebastião de Souza Lemes e Ricardo Ribeiro